



O G TÊXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

BOAS FESTAS

«O Têxtil», na passagem de mais um ano de luta, deseja aos seus leitores e a todos os operários têxteis, que o ano de 1965 que despoanta, seja um ano de grandes lutas e vitórias, um ano de unidade e acção na luta pelas reivindicações da classe têxtil e pela Liberdade e a Democracia.

III CONFERÊNCIA DA F. P. L. N.

Com a participação duma forte representação do interior, realizou-se, no mês de Outubro, a III Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional. Nela tomaram parte, também, representantes de vários partidos políticos e correntes de opinião pública, a quase totalidade dos membros permanentes da Conferência e ainda outros destacados militantes anti-fascistas, tanto do interior como do exterior.

Esta Conferência, que fora especialmente convocada para resolver problemas de direcção e orientação do movimento unitário da FPLN, revestiu-se dum carácter essencialmente prático, tomando importantes decisões, destinadas a fortalecer a estrutura orgânica da FPLN e a incrementar o processo revolucionário, democrático e nacional, que derrubara o fascismo português e instaurará a democracia em Portugal.

A FPLN E OS SEUS OBJECTIVOS

Entre os objectivos que a Frente se propõe alcançar e conquistar, que foram aprovados e definidos na III Conferência, destacamos: «...destruir a máquina do Estado fascista, assegurar as liberdades fundamentais dos cidadãos e construir um Estado Democrático, que transforme Portugal num país de indústria avançada e nacional; reforme a estrutura agrária; promova o aproveitamento das riquezas nacionais em benefício das mais vastas camadas» (Continua na 3ª página).

OPERÁRIOS TÊXTEIS! Comemoramos o 31 de Janeiro!

A próxima-se mais um 31 de Janeiro. Este dia sempre tem sido um dia de luta pela Liberdade, pelo Pão, pela Paz e contra as guerras coloniais, apesar dos intentos do Governo fascista de o profender fazer passar despercebido ao Povo do Norte.

Foi em 1902, que essa jornada atingiu a sua maior expressão, manifestando-se nas ruas da cidade do Porto mais de 100 mil pessoas, protestando contra a tirania fascista. A jornada deste dia abriu o caminho para novas acções populares, tais como as dos dias 8 de Março e 1º de Maio desse mesmo ano.

Esta grandiosa manifestação teve uma enorme repercussão política nacional e internacional. Vários jornais estrangeiros relataram este importante acontecimento político nacional, e variados foram os tipos de solidariedade que o povo português recebeu das mais diversas

LUTEMOS POR SALÁRIOS IGUAIS AOS DOS TÊXTEIS DO SUL!

O patronato, os dirigentes do I.N.T.P., do Sindicato e todos aqueles que defendem os interesses do patronato explorador, pretendem-nos fazer crer que o custo da vida no Sul é superior ao do Norte, e daí as razões por que os salários são mais elevados no Sul. Isto é pura mentira. O custo da vida no Norte não é mais barato do que no Sul. Se no Norte pagamos algumas coisas mais baratas que no Sul, em contrapartida pagamos outras mais caras. Podemos dizer que, no conjunto, não há diferenças sensíveis entre o custo da vida do Sul e do Norte. O que há, isso sim, é um mais baixo poder de compra da classe operária nortenha em relação à do Sul, pelo facto dos seus salários serem mais baixos.

Esta discriminação salarial só beneficia o patronato, porque pagando a mão-de-obra mais barata, tem maiores lucros. Por isso, o patronato explora-

dor, na mira de maiores lucros, está a transferir e a montar novas unidades fabris no Norte. O seu objectivo não é, de forma nenhuma, como afirmam nas suas discursatas em sumptuosas jantareadas pagas com o nosso suor, o de desenvolverem industrialmente o Norte. Os seus objectivos são sempre os mesmos: maior exploração através de multas, castigos e novos ritmos de trabalho que nos impõem, e a aquisição de mão-de-obra mais barata, para obterem à custa do nosso sofrimento maiores lucros. — Quanto mais nos roubam e exploram tanto menos se fartam!

Com panheiros! Lutemos por aumento de salários! Lutemos por salários iguais aos dos nossos colegas do Sul, porque nada justifica, a não ser a cobiça pelo patronato de maiores lucros, esta discriminação salarial!

UM CASO «MISTERIOSO»...

Noticiaram os jornais que na Fábrica de Fiação do Bugio, de Fafe, cerca de 20 jovens operárias foram acometidas de fortes dores de cabeça, grande perturbação nervosa, crises de peroração e desmaios. Classificou-se isto de caso estranho, deu-se-lhe uma tonalidade de verdadeiro e intrincado mistério. Disse-se que, apesar de todas as observações, análises e inspeções médicas, não se conseguia afixar com a origem do mal.

No entanto, os médicos, no meio das suas incertezas todas, confessando-se perante um mistério dos autênticos, tiveram o cuidado de afirmar com toda a segurança e certeza que o motivo do mal não estava na actividade realizada pelas jovens na fábrica, e que esta foi considerada em perfeitas condições sanitárias. O que interessava, é claro, era salvaguardar os pergaminhos do patronato.

Todavia, nós, simples operários têxteis, não precisamos de ser médicos, para termos logo uma ideia de qual a origem do «misterioso» mal. Basta conhecermos as condições atentadoras da higiene e da saúde em que trabalhamos, basta conhecermos os ritmos extenuantes de trabalho e a tensão a que somos submetidos, para encontramos a explicação do «misterioso». A origem do mal está aí. E vamos jurar que o nosso diagnóstico da doença não falhará...

Se os médicos, em vez de terem passado pela Universidade, tives-

«CERA» NA ZONA TÊXTIL DA CUF

Dentro doipotético que é a CUF, nem tudo corre de feição aos tubarões. Os operários movimentam-se cada vez mais pela conquista das suas reivindicações, especialmente por aumento de salários. As posições dos operários tornam-se progressivamente mais firmes e decididas. A palavra de ordem de recorrer à «cera» voa de boca em boca e alastra a sua spicação.

É na zona têxtil, que esta forma de luta está a atingir um grau mais elevado, a quase totalidade do pessoal recorre à «cera». A própria Administração é obrigada a reconhecer-lo. No último Boletim de Informação Interna, podia ler-se: «Haja em vista a redução na produção registada na zona têxtil, por manifesta responsabilidade do pessoal, como anteriormente referido, com prejuízos de que o próprio pessoal, não pode deixar de sentir reflexos». A esta ameaça, responderam os operários da zona têxtil com um novo abaixamento da produção, tendo a esta, num só turno (no dia 1 Agosto), baixado em 4,5 toneladas.

O patronato manobra. Acabaram-se os «prémios» e generalizou-se a toda a empresa o sistema do

seu passado por uma fábrica têxtil, a trabalhar no duro como nós, com certeza não teriam tantas dificuldades em chegar a uma conclusão sobre a causa da «misteriosa» doença da fábrica de infes-

«méritos». Esta medida significa uma redução de salários e, além disso, representa uma espada sobre a cabeça dos trabalhadores, ou produzem e recebem o «mérito», ou não produzem e não recebem o «mérito».

Na secção de carpetes (zona têxtil), um tal Teixeira, encarregado, andou a sondar as operárias sobre se não se importariam de trabalhar apenas 4 horas por dia, porque — dizia aquele rateiro — era preciso ajudar as mulheres das fabricas de cortiça que estão a fechar. Porém, a soudagem não encontrou clima favorável. As operárias responderam logo à letra. — Não se governava trabalhando seis dias, quanto mais três. O Governo é que tinha obrigação de resolver esses problemas.

Os Melos dos milhões não estão a bater em pedra mole. Os seus dentes de tubarões não são tão rijos como a têmpera da classe operária.

Que a «cera» alastre e se intensifique ainda mais!

Que o «mérito» seja incluido no salário!

Que não haja despedimentos, nem redução do tempo de trabalho com prejuizo do salário!

passa nesta empresa é que os operários andam revoltados por não serem atendidos os seus pedidos de aumento de salários.

O que nos parece que agora devem fazer os nossos companheiros de «A Invencível», de modo a que saiam vencedores, é passarem da ausência no enterro à PRESENÇA em concentração maciça e geral na fábrica.

Sindicato Têxtil do Porto

Uma comissão de 12 operários têxteis do Porto foi ao Sindicato, para saber da Direcção a resposta ou os termos em que se encontra o abaixo-assinado que entregaram no ano passado, contendo a lista das suas principais reivindicações. Não sabemos com precisão o resultado desta diligência, mas parece que foi respondido nada estar ainda tratado.

OS OPERÁRIOS DE «A INVENCÍVEL» NÃO VÃO

em enterros de patrões gananciosos

Há pouco tempo, morreu a mulher dum patrão da fábrica de acabamentos «A Invencível».

No dia do funeral, a empresa pôrou, para que todos os operários fossem ao enterro. (Tem piada estes capitalistas! Gostaríamos de saber quantas vezes vão a enterros de familiares dos operários, para que se sintam no direito de quer que estes participem nos funerais dos parentes deles!) Porém, uma grande parte não compareceu. E em vez da presença do pessoal, foi notória a

sua ausência.

Como depois um dos gerentes apontasse aquela falta aos operários, alguns responderam-lhe que ganhavam tão pouco, que não tinham fatos, nem calção em condições de se apresentarem naquele funeral de luxo.

Ora, estas reacções dos operários de «A Invencível» são muito significativas. A sua ausência do funeral da mulher do patrão e aquelas respostas ao gerente equivalem a um protesto. Na verdade, o que se

TODOS ÀS ELEIÇÕES SINDICAIS!

Mais pão e roupas para os nossos lares!

Queremos aumento de salários, queremos para os nossos lares mais pão, mais roupas, um pouco de conforto e de calor para os nossos filhos! Deve ser este, companheiros, o nosso brado, o nosso grito firme e constante, clamando, pedindo, exigindo justiça.

É preciso que cada operário e operária se levante, ombro a ombro com os seus companheiros de trabalho, formem em cada empresa um bloco frente ao patrão e digam: QUEREMOS MAIORES SALÁRIOS! É preciso que esta voz se ouça em todas as empresas, que esta exigência dos trabalhadores se imponha, com decisão, com força, com firmeza, a todos os patrões.

Nos nossos lares, a alimentação é insuficiente e de fraquíssima qualidade; nós e os nossos filhos não temos os agasalhos necessários; dentro das quatro paredes que habitamos não há aquele mínimo de conforto que todo o ser humano merece, e muito mais

aquele que trabalha dia a dia, desde a sua juventude até a velhice; os nossos filhos estão condenados a nunca poderem ter uma infância, já não dizemos com comodidades, mas ao menos sem privações.

Somos nós os produtores, é das nossas mãos que saem todos os artigos que rendem aos patrões milhares e milhares de contos. Mas a justiça, na sociedade em que vivemos, está de pernas para o ar: quem não trabalha come e quem trabalha não come. Recebemos quase nada; os patrões recebem quase tudo. Pretendem fazer crer que não, mas isso é apenas um estratagem para nos afastar da luta por aumento de salários e melhores condições de trabalho. Na verdade, eles arrecadam lucros imensos, cuja grandeza nós próprios nem sequer podemos imaginar. E, quando distribuem um fazer qualquer benefício, assumem uma atitude de quem está dando esmola e pretendem, em troca (eles nunca dão nada sem que tenham em mira receber outro tanto ou mais ainda), o nosso servilismo. No entanto, aquilo que por vezes eles são obrigados a conceder, nem sequer é tanto como o que eles estragam com os seus caprichos pessoais de grandes magnates endinheirados. Há tempo, saiu num jornal a notícia de que o grande capitalista Champalmaud comprara em Londres uma pintura para a sua colecção por 2.800 contos!

Porém, ao mesmo tempo que os patrões desfazem dinheiro, faltam aos trabalhadores as casas, o pão, a roupa, o calor nos seus lares.

Companheiros, a nossa luta por aumento de salários não é só justa. Ela é absolutamente necessária perante o constante encarceramento de tudo aquilo que compramos. Por isso, devemos fazer da nossa reivindicação salarial, a nossa luta de todos os dias — uma luta constante, sem receios, ampla, aberta, porque é uma luta justa.

Levar os patrões de vencida não é coisa fácil, porque eles têm na sua mão o dinheiro, que corrompe os trabalhadores sem espírito de classe, as leis fascistas, que os protege, cobrindo todas as suas patifarias, e a polícia que sempre que é necessário persegue e prende.

Mas, sem nós, as máquinas não funcionam. Sem os nossos braços, os patrões não vivem. Os trabalhadores são a base de tudo! Se nos unirmos, companheiros, venceremos!

QUE EM CADA EMPRESA, OS TRABALHADORES SE JUNTEM E EXIJAM MAIORES SALÁRIOS!

LÊ E DIVULGA «O TÊXTEL»
Continua amanhã no TêxTEL

31 DE JANEIRO...

(continuação da 1ª pag.)

personalidades do estrangeiro à sua luta contra o fascismo.

A classe têxtil esteve sempre na vanguarda dessa jornada. Tal como nos anos anteriores, a classe têxtil

se têxtil comemorará o 31 de Janeiro de 1965, porque a classe bem sabe que só através da sua luta unida, juntamente com a luta das outras classes trabalhadoras e de todo o nosso povo, poderá acabar com o terror fascista.

Nunca como hoje foi tão difícil e dura a vida dos trabalhadores. Em virtude das guerras coloniais, o custo da vida sobe assustadoramente e a exploração aumenta cada vez mais. Mas também nunca como hoje foram tão ruidosas as perspectivas de por termo a toda esta situação. E, a confirmá-lo, estão as lutas diárias desencadeadas pela classe operária portuguesa em torno das suas reivindicações e as Resoluções da III Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional sobre a unidade e a acção, cuja execução prática será um poderoso contributo para o derrubamento do fascismo.

Trabalhadores e trabalhadoras têxteis do Norte! Façamos do 31 de Janeiro uma jornada de luta pelo Pão, pela Paz, pela Liberdade!

Com salvas de foguetes, com festas, com jantares de confraternização, com romagens nos cemitérios e às campas dos vulcões caídos ao serviço da democracia, com inscrições, por todas as formas possíveis, comemoremos em toda a parte esta grande data!

VIVA O 31 DE JANEIRO!

MILITÃO RIBEIRO MORREU HÁ 15 ANOS

No dia 3 de Janeiro de 1950, morreu, na Penitenciaría de Lisboa, Militão Ribeiro, após prolongada greve da fome e de grandes sofrimentos.

Militão Ribeiro era operário têxtil e foi um grande dirigente da classe operária e do seu Partido Comunista. Pôs toda a sua vida e talento ao serviço dos trabalhadores e dos oprimidos, foi um intaiável lutador pela libertação de Portugal do jugo dos monopólios e do fascismo.

A tempera revolucionária de Militão Ribeiro, que não hesitou em prosseguir a luta até às suas últimas consequências, deve inspirar e guiar os operários têxteis nas suas batalhas de classe contra o patronato e o fascismo, por melhores salários, contra a guerra, pela liberdade e a democracia.

Esta é a melhor homenagem que a classe têxtil pode prestar à memória deste seu filho, Militão Ribeiro, na passagem do 15.º aniversário da sua morte.

Salvem os vidas DOS PRESOS DE PENICHE!

Chegou-nos um alarmante e pelo dos presos políticos do Forte de Peniche. Este apelo é de trabalhadores presos pelo único crime de lutarem pelos interesses da sua classe, pela melhoria geral da vida dos trabalhadores.

Os carrascos, falazaristas, dispostos a liquidar esses patriotas, estão usando todos os processos, desde os vexames, castigos brutais e desumanos, até a agressão bárbara. Este é o caso, que nos é relatado. Uma matilha de carcereiros, entre os quais o seu chefe, Vítor Ramos, e os guardas Pêpa, Louzada e outros, cumprindo as ordens do capitão Falcão,

LIBERTEMOS MANUEL GUEDES!

Preso, pela 4ª vez em Maio de 1952, condenado a 4 anos, com 8 anos de prorrogações de «medidas de segurança», 13 anos de prisão seguidos, num total de quase 20 anos nos cárceres fascistas — Manuel Guedes, com 55 anos de idade, tem a sua saúde arruinada. Completou há pouco 34 anos de luta em defesa dos interesses dos trabalhadores. É, pois, dever de todos nós, exigir a sua imediata libertação. Em cartas, postais, abaixo-assinados, dirigidos ao ministro da Justiça, ao Tribunal Plenário de Lisboa, exijamos a sua libertação! Nas paredes, nas estradas, por toda a parte, façamos inscrições: Libertade para Manuel Guedes!

director do Forte, invadiram as celas e, de pistola e cassette em punho, agrediram bruscamente os presos. Os camaradas António Dias Lourenço, José Carlos, Diogo Velez e outros ficaram gravemente feridos, com membros fracturados e o seu corpo pisado de nódoas negras.

Só a acção da classe trabalhadora, dos homens, mulheres e jovens honestos, esfriará o ódio que o fascismo vota aos presos.

Trabalhadores da têxtil! Homens, mulheres e jovens de coração! Salvemos estas vidas preciosas!

Em cartas, postais, abaixo-assinados, dirigidos ao ministro da Justiça e do Interior (Praça do Comércio, Lisboa), à direcção do Forte de Peniche, exijamos que cessem as brutalidades sobre os presos e que tenham um tratamento humano!

20 Conferência da F.P.L.N.M.

deri sup olmpa so st (continuação da 1ª pág.) cinnemus somtshn
 da população; proteja os interesses económicos e sociais das classes trabalhadoras e das classes médias; realize uma ampla política democrática de assistência médica e de seguros sociais; extinga o analfabetismo; diuuda e democratize a instrução e a cultura; adopte uma política externa de cooperação com todos os povos e de não-alinhamento em blocos; reconheça o direito à auto-determinação, e à independência dos povos das colónias portuguesas.

A Conferência salientou também que os empréstimos externos contraídos pelo governo fascista para manter as guerras coloniais, não obrigam o Povo Português ao seu futuro pagamento.

Propondo-se reconquistar o exercício da soberania popular, a FPLN declara que: «Após ter varrido o fascismo da terra portuguesa, promoverá a formação de um Governo Democrático Provisório, representativo das forças anti-fascistas portuguesas, o qual dará imediatamente execução aos objectivos políticos da FPLN, e organizará, a curto prazo, eleições livres, por sufrágio universal, igual, directo e secreto, para uma Assembleia Constituinte.»

Tretando do «Problema Colonial», a IIIª Conferência, no mesmo tempo que «reconhece o direito dos povos das colónias portuguesas à auto-determinação e independência», reaffirmou «que o Povo Português e os povos das colónias portuguesas são solidários e aliados na luta contra o fascismo e o colonialismo», salientando «a necessidade de intensificar, tanto em Portugal, como nas colónias, a luta do Povo Português contra a política colonialista do governo de Salazar.»

Abordando a solução do problema político nacional, «a Conferência insistiu em que a insurreição popular armada é a perspectiva revolucionária que se co-

loca perante o Povo Português para se libertar da ditadura fascista», considerando ainda «que a acção insurreccional será levada a cabo pelas forças anti-fascistas no interior do país, cabendo, embora, às forças do exterior, contribuir e participar na preparação da luta.»

Dirigindo um apelo a todos os militantes anti-fascistas, no sentido de prepararem activamente as condições para a insurreição, a Conferência «previne-os contra esperanças depositadas numa libertação vinda de fora.»

★
 Saudando a realização da IIIª Conferência, «O Textil» apela para que todos os trabalhadores têxteis dêem a sua ajuda, esforço e contribuição na aplicação das resoluções aprovadas na IIIª Conferência da FPLN.

Lutar nas empresas e sindicatos por aumentos de salários e contra a exploração patronal; lutar contra o aumento do custo de vida e contra a falta de géneros alimentícios e outros; lutar contra a guerra colonial; lutar contra a repressão e pela Amnistia — é levar à prática as resoluções traçadas pela FPLN.

VIVA A FPLN!
 Viva e unidade de acção!

Rádio Portugal

Livre

Transmite diariamente, das 7 às 7,30 em 50 metros; das 19 às 19,50 e das 21,15 às 21,45 em 38 metros; e das 23,50 às 23,50 em 26,40 e 43 metros, os seguintes programas:

Aos domingos, uma «emissão dedicada aos camponeses, que vai para o ar, das 12 às 12,50 h em 19,50 e 20,25 e 26 metros.



A RÁDIO PORTUGAL LIVRE É A VOZ DOS TRABALHADORES! OUVI E DÁ A CONHECE-LOS AOS TEUS COMPANHEIROS!